

INSEGURANÇA URBANA E "ESPAÇOS PERIGOSOS"

Uma das componentes do sentimento de insegurança é espacial: há sítios que carregam uma imagem na qual projectamos certo tipo de explicações de senso-comum sobre o mal estar social, o crime e a desordem. Certos grupos populacionais são, também, sistematicamente asso-ciados a estes sítios, partilhando com eles a imagem.

O medo tem, pois, lugares. O labor descritivo pode traçar-lhes a topografia. Esta constatação é já antiga e os grandes analistas da vida urbana têm destacado o papel de certas zonas, seja na economia dos medos colectivos, seja na génese de comportamentos desviantes.

Apresentamos seguidamente alguns dados da investigação etnográfica que temos vindo a conduzir em dois bairros da zona oriental do Porto: o Cerco e o Lagarteiro. Estes bairros foram constituídos como objectos de estudo devido ao facto de serem zonas onde o comércio e o consumo de drogas assumem grande visibilidade, sendo portanto alvo de policiamento forte, bem como ao facto de serem considerados lugares perigosos nas imagens colectivas dos portuenses (dados revelados tanto no discurso da comunicação social como em estudos do Observatório Permanente de Segurança).

1. UM ESTUDO ACERCA DA AUTO-DEFESA COLECTIVA

No conjunto das investigações em curso no Observatório, cabe-nos a tarefa de desenvolver um dos seus níveis analíticos: o eco-social. É de acordo com esta exigência que procedemos ao estudo da insegurança nos bairros sociais. No conjunto das várias dezenas de bairros do Porto, alguns têm vindo a adquirir um estatuto

problemático, sendo considerados zonas de mercado de drogas e de concentração de indivíduos marginais. Numa primeira investigação realizada em 1996 e 1997, tomámos como principal objecto um acontecimento que na altura teve grande impacto: a constituição de milícias populares contra o tráfico de drogas no Lagarteiro. Este acontecimento permitia-nos, pois, uma abordagem do tema da insegurança protagonizada pelos ditos "espaços perigosos". Resumiremos em forma de esquema esta primeira investigação cujos resultados detalhados se encontram em Periferias Urbanas, Sentimento de Insegurança e Controlo Social, Relatório apresentado à Câmara Municipal do Porto e ao Ministério da Administração Interna.

PERIFERIAS URBANAS
SENTIMENTO DE INSEGURANÇA
E CONTROLO SOCIAL

OBJECTO: Dinâmica dos bairros sociais ditos pelo discurso colectivo como problemáticos, lugares de droga, delinquência e conflito, e identificados como espaços críticos do imaginário da insegurança, dando atenção à interacção entre actores e grupos desviantes, população do bairro e forças de controlo social

MÉTODO: Trabalho de campo etnográfico.

SÍNTESE DOS DADOS DE TERRENO:

As milícias populares do bairro do Lagarteiro em 1995

- As milícias do Lagarteiro surgem na sequência do:

- agravamento da afluência de população consumidora de drogas, após o realojamento de famílias do bairro da Mitra
- agravamento da situação existente em termos de movimentação de veículos e de indivíduos exteriores ao bairro
- crescimento dos aglomerados de toxicodependentes, por vezes barulhentos e geradores de conflitos
- crescente desconforto e aumento da insegurança entre certos sectores da população do bairro
- nas milícias participavam indivíduos ligados ao mundo das drogas
- as milícias são um processo social complexo, cuja aparente nitidez é manchada por elementos surpreendentes
- Consequências das milícias em termos de segurança:
 - grande surto de detenções que fez diminuir o volume do comércio, mas também provocou desarticulação familiar e social
 - instalação de posto de polícia no bairro
 - menor visibilidade do comércio e consumo de drogas
- O aparecimento de movimentos de auto-defesa colectiva num bairro social de uma grande cidade, permite articular 3 níveis:
 - "espaço perigoso"
 - sentimento de insegurança
 - manutenção da ordem
- As milícias populares foram fugazes, mas mantinha-se o espaço perigoso e o problema da manutenção da ordem, substituindo-se as milícias pela polícia (instalação de posto da PSP no bairro e vigilância de bairro vizinho que aumentara a actividade do mercado à custa do esvaziamento do Lagarteiro).
- A fuga do objecto - auto-defesa colectiva - era só aparente, pedindo aos investigadores que adaptassem o olhar ao dinamismo dos factos sociais.

Comportamentos desviantes e controlo social no bairro do Cerco

A economia subterrânea

- A economia subterrânea tem um papel muito importante no bairro do Cerco
- A economia subterrânea não se limita à venda de droga e actividades com ela relacionadas, embora o comércio de drogas seja, evidentemente, a actividade que mais rendimentos proporciona
- São múltiplas as actividades que permitem retirar vantagens económicas das drogas, para além da venda directa
- Tece-se uma teia de solidariedades e dependências mútuas entre habitantes do bairro

A "exposição ao pó"

- As crianças e os jovens são socializados em contextos quotidianos de banalogia das drogas
- As drogas fazem parte da estruturação das relações interpessoais desde tenra idade
- É crescente a participação de certos grupos de adolescentes em actividades ligadas ao comércio de drogas
- A cultura específica das relações pessoais adequa-se na perfeição ao estilo de vida drug (viver o presente sem grandes projectos de futuro, capacidade de delimitar bem o território pessoal, vigilância permanente das instâncias de controlo social, etc)

Resenha histórica das relações com agências de controlo exteriores

- A história local, sob o signo do estigma, é dotada dum potencial de inércia que assinala uma trajectória (bairro de castigo espaço perigoso)
- Os processos de marginalização não são consequência da instalação dum mercado de drogas, mas fazem

parte de uma história de transições nas actividades desviantes.

- A comunicação social tende a prolongar esta versão da vida colectiva (foca as actividades desviantes mais extremas e os acontecimentos dramáticos e excepcionais).
- Reforço da auto-estima negativa da população, potenciando o estigma.
- Evitamentos mútuos: a cidade evita o Cerco, este evita e reage às forças de controlo social

CONCLUSÕES

- Existe no bairro do Cerco uma "cultura de resistência" às marginalizações económica, cultural e territorial.
- Efeitos paradoxais dessa resistência:
 - crescente degradação da vida pessoal e comunitária, enquanto se procura a rejeição da subjugação a poderes exteriores.
 - manutenção do distanciamento em relação à cidade normativa.
- Subcultura do imprevisto, da criação, descoberta e aproveitamento de oportunidades económicas e sociais, no desenvolvimento de estratégias de resolução do problema da pauperização.
- De carácter local em relação à cidade normativa e invulgar em relação às suas práticas, as estratégias utilizadas acabam dialeticamente por se estabelecer como cultura de resistência e como um dos indicadores de "espaço marginal", tal como definido por essa mesma cidade normativa.

2. A SITUAÇÃO ACTUAL DA INVESTIGAÇÃO

Uma nova pesquisa - ou se quisermos uma continuidade, mais

desenvolvida, da anterior - teve então lugar. A síntese dos seus resultados estará em forma de texto em Dezembro de 1999. Descreveremos em seguida o seu desenrolar.

Aquando do nosso regresso ao terreno, mais especificamente ao bairro do Cerco em Maio de 1999, pareceu-nos que estávamos perante uma situação diferente daquela que tínhamos observado e experienciado em pesquisas anteriores: durante o dia e a tarde, os ajuntamentos de toxicodependentes eram praticamente inexistentes e a esquina que dantes era o ponto-chave do comércio e do consumo em plena via pública encontrava-se virtualmente deserta e inoperacional.

Deste primeiro contacto surgiu a primeira pergunta orientadora da investigação: como é que esta transformação aconteceu? Numa primeira fase fizemos mais observação directa do que observação participante propriamente dita; o objectivo era confirmar as nossas impressões iniciais. Confirmadas essas impressões, partimos em busca de explicações para este primeiro problema- iniciando deste modo uma fase mais centrada na observação participante. Fomos, assim, conduzidos ao bairro do Lagarteiro, onde o comércio e fundamentalmente o consumo de drogas mantêm um grande grau de visibilidade.

3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1. A renovação urbana

O bairro do Cerco do Porto é actualmente alvo de uma intervenção de regeneração urbana levada a cabo pela Câmara do Porto e pela Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã ao abrigo do projecto URBAN. Neste contexto, parte do bairro foi já sujeita a grandes obras que passaram pelo arranjo das fachadas dos prédios até à construção

do futuro mercado do Cerco (que funcionará na zona que antes era quotidianamente ocupada por concentrações de consumidores e comerciantes de drogas e que actualmente é muito utilizada pelas crianças para brincarem).

"Onde costumava ser a esquina de comércio de drogas e onde em tempos esteve uma tenda, onde um dia se fez uma fogueira e se queimaram as roupas do falecido M.M. [um junkie do bairro], está uma construção em betão, ainda por acabar. Onde havia ervas, relva alta, lixo e junkies há agora a geometria do betão, a presença dos trolhas, a organização do trabalho na construção civil. Primeira reflexão: afastamento dos primitivos ocupantes pela construção de infra-estruturas, acção de despejo, nova publicização do espaço, agora de acordo com os parâmetros normativos: o espaço público como espaço de trabalho e/ou lazer" (mercado, quiosque, café, etc.). (...) O efeito repelente do betão e do tijolo (...). As pedras lisas da calçada e a geometria rígida e aberta do mercado não dão espaço à esquina, à sombra, ao local escondido, ao buraco para desmarcar produto". (Notas do Diário de Campo)

Importará agora estar atento ao grau de vandalização a que estarão sujeitos os prédios recentemente restaurados; até ao momento, podemos dizer que essa vandalização é mínima ou nula. O mesmo não se passa na zona do futuro mercado, onde pilares e bancos de cimento estão repletos de tags e mensagens, a maior parte escritas a caneta de feltro.

Estas nossas considerações não são comentários de teor arquitectónico mas sim criminológico: diversos estudos da criminologia ambiental demonstraram já que um dos elementos que contribui para a sensação de segurança dos moradores numa dada zona e para os

comportamentos correspondentes reside precisamente na sua percepção do estado da área em termos de limpeza, conservação, iluminação, etc.

3.2. Actividades Psicotrópicas

No que se refere ao consumo e ao comércio de drogas, o contraste entre o Cerco e o Lagarteiro é presentemente muito marcado. Durante o dia e a tarde, existem no bairro do Cerco muito poucos aglomerados de toxicodependentes; o que há são fundamentalmente movimentações rápidas e mais discretas do que era habitual num passado recente. No Lagarteiro, ao contrário, há muito maior visibilidade do fenómeno drug e uma presença continuada dos protagonistas.

Verificam-se actualmente deslocações do Cerco para o Lagarteiro e, em menor grau, para o bairro São João de Deus.

As obras no bairro do Cerco, as detenções de alguns indivíduos e a estratégia de policiamento empregue parecem ter contribuído para tal facto.

Não deixou, no entanto, de existir um significativo comércio de drogas no Cerco: à noite são visíveis as transacções e essa diferença entre a noite e o dia relaciona-se com o facto de a polícia não ter mandatos para entrar nas casas depois das 21 horas (ou depois de ficar escuro, consoante as versões dos nossos informantes). Contrariando os dados observacionais, recolhemos testemunhos de consumidores de rua no sentido de que a movimentação global de dinheiro do Cerco é superior à do Lagarteiro: num dia razoável/bom, serão vendidos 4000 a 5000 contos de heroína e cocaína no Cerco e metade disso no Lagarteiro. Estes valores resultam dos testemunhos coincidentes de diferentes actores sociais em momentos diferentes.

É de salientar que no bairro do Cerco o comércio permanente na rua foi

substituído, com algum sucesso (na perspectiva dos comerciantes) por uma venda mais assente no interior das casas. Estas modificações das estratégias de venda no sentido de uma maior salvaguarda dos dealers não deixam contudo de lado os interesses dos consumidores:

"Minutos antes [o G., um consumidor] tinha-me dito que uma diferença importante entre o comércio no Cerco e no Lagarteiro é que, no Lagarteiro, as pessoas têm de entregar o dinheiro ao intermediário, que depois vai a casa buscar o produto, e no Cerco o intermediário vem já com algumas doses e a troca é imediata".

O haxixe continua a ser um produto de oferta muito reduzida neste tipo de locais.

Relativamente às relações entre os dealers de bairro e os seus vendedores de rua (os "empregados"), elas parecem estruturar-se - na perspectiva dos empregados - muito para além da mera relação comercial, implicando interacções carregadas de envolvimento afectivo e emocional nas quais uma economia de troca de favores desempenha papel assinalável.

Confirmamos com estes dados constatações doutros trabalhos acerca da grande versatilidade das estratégias de funcionamento do mercado das drogas ilegais. Este mercado apresenta assinalável poder de resistência relativamente às medidas que visam suprimi-lo, e não deve ser reduzido ao mero acto de compra e venda entre junkie e dealer. Esta transacção necessita de uma série de apoios logísticos, que constituem uma verdadeira rede de serviços pelos quais se cobra renda: acondicionamento de drogas e de balanças, vigilância de aproximações indesejáveis, receptação de objectos, cedência da própria casa para a venda de psicotrópicos ("entregar a casa à morte", na gíria local).

3.3. O policiamento

O policiamento dos "espaços perigosos" e as representações mútuas entre polícias e actores locais é uma das preocupações desta investigação. Esta problemática encontra-se ainda num estado menos desenvolvido, do qual damos conta com a transcrição de mais um excerto das notas de terreno:

"Confirmo que o Lagarteiro está com bastantes mais movimentações visíveis de 'drugs' (...). E observei um fenómeno que pode ser interessante: no Cerco, quase não se vêem movimentações em torno das drogas e os polícias andam sempre aos pares; no Lagarteiro, já vi polícias aos pares, inclusive a interpelarem toxicodependentes, mas também os vejo a fazerem o giro sozinhos. A 100 metros do posto da polícia tende a existir alguma aglomeração drug. Que policiamento é este? Como se articulam, no Lagarteiro, as funções de aplicação da lei e de manutenção da paz?"

Poderá haver efeitos perversos (ex: criação de acordos tácitos de certa forma inconscientes, de demarcação de territórios) numa relação muito próxima e sistemática entre agentes das forças da ordem e a população do bairro? Se isto é assim, que consequências poderão daqui advir para a implementação do policiamento de proximidade neste tipo de locais? E como conjugar esta reflexão com as solidariedades alargadas resultantes da difusão de benefícios indirectos do comércio de drogas?

A continuidade desta pesquisa ao longo do ano 2000 deve permitir o aprofundamento destes dados, bem como a atenção a fenómenos emergentes, como por exemplo o aparente endurecimento do comportamento desviante em grupos juvenis, ou a grande tensão entre agentes de policiamento e moradores da zona.